

## EDITORIAL

S. César **Otero-Garcia**  
Editor-chefe

Línlya **Sachs**  
Miriam Cardoso **Utsumi**  
Coeditoras

A defesa da universidade pública já esteve e continua presente nos editoriais da HIPÁTIA – Revista Brasileira de História, Educação e Matemática. A pergunta que nos colocamos, neste momento, é: defendemos o quê, mais especificamente? O ensaio que abre esta edição, *A tragédia da esquerda acadêmica e o mal-estar na universidade brasileira*, de Marcelo Salles Batarce, possibilita questionamentos a respeito do que fazemos (e costumamos defender) cotidianamente nas universidades onde estudamos, trabalhamos, ensinamos, fazemos pesquisas e muitas outras atividades.

Poderíamos, como em um texto autobiográfico, relatar uma semana de trabalho comum nas universidades. Possivelmente, haveria aulas, com formatos mais ou menos expositivos, avaliações, envolvendo sentimento de medo, o exercício do micropoder, com discursos de mérito, com notas, reprovações e aprovações, haveria a participação em editais para obtenção de recursos, para equipar laboratórios, para que as pessoas recebam bolsas (em valores variados), para desenvolvimento de atividades de pesquisa e de extensão, haveria a escrita de pareceres a dissertações, teses, monografias, trabalhos de conclusão de curso, artigos, projetos, haveria a elaboração de relatórios de pesquisa e, também, atividades de orientação e supervisão. Haveria muito mais... reuniões, votações, decisões. Em cada uma dessas pequenas ações, poderíamos, ainda, perguntar: o que buscamos ser? Uma resposta rápida que poderíamos receber seria: queremos ser uma universidade de qualidade!

Inseridos na lógica capitalista neoliberal, não conseguimos sequer pensar em outro modelo de “qualidade”, que não seja classificador, excludente, produtivista, egoísta e ambicioso. Classificador, pois ordena os “melhores” e os “piores” – nas aulas, nas avaliações, na atribuição de tarefas, na concessão de bolsas e recursos, nas notas, na eleição de representantes –; excludente, pois retira de cena os que não deveriam estar ali – basta vermos os índices de evasão das

universidades públicas –; produtivista, pois sempre se quer mais – mais artigos, mais orientações, mais recursos, mais resultados, mais atividades curriculares –; egoísta porque pouco importa o outro – o professor com quem encontro todos os dias, o colega de sala, aqueles que não conseguem seguir a cartilha da produtividade, a outra universidade, o outro curso; e ambicioso, porque o céu é o limite – seja o Qualis A1, o conceito 7 do programa de pós-graduação ou a obtenção da melhor bolsa de produtividade.

Não há outro modo de sermos professores, estudantes, pesquisadores, pareceristas, avaliadores, representantes, coordenadores, reitores? Não há outro modo de sermos universidade (de qualidade)?

Com essas questões, damos sequência aos textos que fazem parte deste número. São cinco artigos, dois textos de iniciação científica e um relato de experiência, apresentados, nesta ordem, a seguir: *Ciências Humanas e Exatas: um diálogo difícil*, de Roberto Ribeiro Baldino; *Rupturas em limites de estruturas matemáticas da música ocidental*, de Chrisley Bruno Ribeiro Camargos e Ademir Donizeti Caldeira; *Ensaio sobre compreensões em Matemática em perspectivas de Resolução de Problemas: uma análise percussiva de atividades ao zapeamento*, de Luiz Carlos Leal Junior e Lourdes de la Rosa Onuchic; *Uma caracterização das tarefas desenvolvidas na disciplina Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental em Matemática de uma instituição privada brasileira*, de Diego Fogaça Carvalho, Osmar Pedrochi Junior e Fátima Aparecida da Silva Dias; *Os teoremas de Pappus para os sólidos de revolução: a demonstração de James Gregory*, de Robson Raulino Rautenberg e Roy Wilhelm Probst; *O método dos mínimos quadrados aplicado ao ajuste de curvas*, de Francisca Edna Ferreira Felix e Reginaldo Amaral Cordeiro Junior; *A abordagem da Trigonometria no livro didático do 9º ano do Ensino Fundamental: desafios e novas perspectivas*, de Jeferson José dos Santos Almeida; e *Ensino da Matemática por meio da contação de histórias: relato de uma experiência vivida*, de Wellington Rabello Araujo, Gisele de Lourdes Monteiro, Fabiane Mondini, Rosa Monteiro Paulo. Para finalizar, a resenha da tese de Daniele Esteves Pereira, intitulada “Correspondências científicas como uma relação didática entre História e ensino de Matemática: o exemplo das cartas de Euler a uma princesa da Alemanha”, elaborada por Luís Felipe Gonçalves Carneiro e Mirian Maria Andrade.

Desejamos uma boa leitura!

São Paulo, dezembro de 2019.